

AS NARRATIVAS DE UM *BANDIDO* MUDIÁTICO: PAULO QUEIXADA COMO UM PERSONAGEM SIMBÓLICO DA FALÊNCIA DO SISTEMA PENAL POTIGUAR (1983-1989)

Antônia Jéssica da Silva¹

Resumo: Este artigo analisa a construção midiática de Paulo Nicácio da Silva, ou o Paulo Queixada, como arquétipo do “bandido do momento” nas páginas do *Diário de Natal* entre 1983 e 1989. Ao longo desse período, a imprensa local transformou o detento em uma figura ambivalente: simultaneamente estigmatizada e celebrizada. A partir de episódios como a “Chacina da Pororoca” e entrevistas sensacionalistas, Queixada foi apresentado como um símbolo da violência carcerária, deslocando o foco das falhas estruturais do sistema penal para a personalização da criminalidade. Com base em autores como Goffman (2002; 2008), Foucault (2014) e Susin (2022), a pesquisa problematiza como a imprensa atua como um palco simbólico de espetacularização da violência, contribuindo para a legitimação do estigma e da exclusão social. A Penitenciária Doutor João Chaves, espaço emblemático dessa representação, aparece como síntese da falência do sistema prisional potiguar durante a ditadura e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Diário de Natal. Imprensa. Criminalidade. Celebridade. Paulo Queixada.

THE NARRATIVES OF A MEDIA BANDIT: PAULO QUEIXADA AS A SYMBOLIC CHARACTER OF THE FAILURE OF THE POTIGUAR PENAL SYSTEM (1983-1989)

Abstract: This article analyzes the media construction of Paulo Nicácio da Silva, or Paulo Queixada, as the archetype of the “criminal of the moment” in the pages of the *Diário de Natal* between 1983 and 1989. Throughout this period, the local press transformed the inmate into an ambivalent figure: simultaneously stigmatized and celebrated. Based on episodes such as the “Pororoca Massacre” and sensationalist interviews, Queixada was presented as a symbol of prison violence, shifting the focus from the structural flaws of the penal system to the personalization of criminality. Based on authors such as Goffman (2002; 2008), Foucault (2014) and Susin (2022), the research problematizes how the press acts as a symbolic stage for the spectacularization of violence, contributing to the legitimization of stigma and social exclusion. The Doutor João Chaves Penitentiary, an emblematic space of this representation, appears as a synthesis of the failure of the Rio Grande do Norte prison system during the dictatorship and its consequences.

Keywords: Christmas Diary. Press. Criminality. Celebrity. Paulo Queixada.

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1282523523952445>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0703-8136>. Email para contato: antjessica20@gmail.com.

1 Introdução

“Com muito ‘fumo’ na cabeça e a voz engrolada, o mais sanguinário bandido da crônica policial natalense, no momento, Paulo Nicácio da Silva, vulgo Paulo Queixada, 21 anos” (CORTEZ, 1984, p. 5)², era apresentado pelo impresso *Diário de Natal*³ como o “bandido do momento”, cedendo uma entrevista na sala do diretor Marcílio Pinto da Silva, direto do Velho Caldeirão do Diabo ou Penitenciária Central Doutor João Chaves. Dando continuidade a sua construção midiática, como uma espécie de “estrela” do crime natalense.

Essa elaboração midiática origina-se de uma das características mais habituais nas narrativas criminais da década de 1980, a qual consistia no processo de formação da imagem de um criminoso diante da imprensa. Nesse contexto, tornava-se imprescindível vincular um crime específico a um indivíduo determinado, conferindo-lhe uma denominação que causasse impacto na sociedade. Portanto, criava-se um jogo midiático que, em certas situações, tornava o criminoso uma espécie de "popstar", em virtude da seriedade do seu delito e de suas atitudes (RAMOS; PAIVA, 2007).

Nas páginas do *Diário de Natal*, o detento Paulo Nicácio da Silva, conhecido como Paulo Queixada, foi representado de forma ambivalente: ao mesmo tempo, em que era retratado com os traços estigmatizados do “marginal perigoso”, era também transformado em uma espécie de celebridade criminal da década de 1980. Essa construção simbólica, recorrente na imprensa policial da época, revela os mecanismos de espetacularização do crime e da produção midiática de figuras que personificam a falência do sistema penal.

Nesse sentido, o presente artigo pretende problematizar a construção midiática de Paulo Queixada como um “bandido do momento”, conforme representado nas páginas do *Diário de Natal* entre os anos de 1983 e 1989⁴. A investigação fundamenta-se na premissa de que a mídia regional,

² CORTEZ, Luiz Gonzaga. Queixada, sem medo ou remorso: - mato de novo. *Diário de Natal*, Natal-RN, Ano 45, n.º151, 06 ago. 1984.

³ Fundado em 18 de setembro de 1939 por Djalma Maranhão, Rivaldo Pinheiro, Romualdo Carvalho, Aderbal de França e Valdemar Araújo, *O Diário*, assim denominado em seu início, apresentava como intuito combater o nazi-fascismo de Hitler e Mussolini e ser um porta-voz das notícias e problemas vivenciados pela população do Rio Grande do Norte. Após alegarem problemas financeiros, venderam o jornal para Rui Moreira Paiva, que em 1945 revendeu o jornal para Assis Chateaubriand, fazendo parte da Associação Nacional dos Diários Associados (ANDA). O jornal passou a se chamar, 1947, de *Diário de Natal* e permaneceu funcionando até 2012. Devido a alegações de crise financeira, o *Diário de Natal* teve seu encerramento de publicações em 2012.

⁴ O presente artigo deriva dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso de Silva (2025), intitulado “O Velho Caldeirão do Diabo”: a Penitenciária Central Doutor João Chaves e a representação da violência carcerária no *Diário de*

ao estigmatizá-lo e, ao mesmo tempo, exaltá-lo, colaborou para solidificar uma perspectiva individualizada da violência, encobrindo as deficiências estruturais do sistema prisional potiguar.

2 Violência, cárcere e mídia no RN dos anos 1980

O palco para essa teatralização da figura do criminoso (GOFFMAN, 2002) é a emblemática e conturbada Penitenciária Central Doutor João Chaves, conhecida entre os natalenses da década de 1980 por alcunhas como “Universidade do Crime”, “Casa dos Horrores” e “Velho Caldeirão do Diabo”, denominações amplamente difundidas pela imprensa local à época. No entanto, antes que a violência eclodisse em seu interior, a instituição foi inaugurada, em 1968, sob a promessa de se tornar uma “penitenciária modelo”, apresentada como uma esperança para o sistema carcerário do Rio Grande do Norte.

Sua inauguração integrou um projeto mais amplo de modernização urbana vivenciado na capital potiguar durante a década de 1960, idealizado pelo então prefeito Agnelo Alves (1966–1969), com o apoio do governador do Estado, Monsenhor Walfredo Gurgel (1965–1971), ambos vinculados ao partido governista ARENA (SILVA, 2011). Nesse contexto, a penitenciária foi apresentada como um marco simbólico da solução dos problemas penitenciários que assolavam Natal, sendo tratada, nos periódicos oficiais da época, como a realização de um “sonho realizado” de progresso e ordem social (SILVA, 2015).

Sob essa premissa, foi inaugurada, em 28 de abril de 1968, no bairro de Igapó, a Colônia Penal Doutor João Chaves. A chegada da penitenciária marcou simbolicamente a inserção da chamada modernização na Vila de Igapó, localizada na zona norte de Natal, conhecida na época como “o outro lado do rio” (SILVA, 2015).

O projeto fazia parte de uma tentativa do poder público de expandir sua presença administrativa e disciplinar para os bairros suburbanos e periféricos da capital potiguar. Essa modernização se manifestou, ainda que de forma pontual, por meio de iniciativas como a construção de um poço tubular em 1966 e a implantação de um sistema completo de iluminação pública em 1967, ambas realizadas antes da inauguração da penitenciária. Tais ações representaram os primeiros

Natal (1983-1989), apresentado como requisito para a obtenção de aprovação e aprovação pela disciplina Monografia II do curso de História, na Linha de Pesquisa: História Social do Crime.



esforços de integração da região ao contexto urbano da cidade, embora marcados por limitações estruturais e pelo contínuo descaso das autoridades (SILVA, 2011).

Parte-se dessa integração, a Penitenciária Central Doutor João Chaves era fundada em volta da clássica promessa de modernizar o sistema penitenciário local. Acompanhada também da empolgação inicial relacionada à construção de novas penitenciárias, frequentemente marcado por um discurso político e pela rapidez, por parte do poder público, em anunciar a necessidade de substituição de uma prisão antiga por uma mais sofisticada e moderna. Contudo, no Brasil, essa euforia costuma ser passageira, sendo logo substituída pelo anúncio da necessidade de uma nova penitenciária mais avançada que a anterior (SILVA, 2022). Repete-se assim, o ciclo de instituições totais que falham em sua função principal de ressocializar os detentos (FOUCAULT, 2014).

Esse fenômeno é observado na Doutor João Chaves, na qual esta foi construída para substituir sua antecessora, a Casa de Detenção de Petrópolis, que passou a ser utilizada como penitenciária e abrigar diversos detentos em suas imediações. Porém, devido a sua estrutura e superlotação, a Casa de detenções foi nomeada de “depósito humano” pelo *Diário de Natal*⁵ e os impressos da época, enfatizando a necessidade da construção de um novo presídio, com o intuito de solucionar os problemas do cárcere no Estado.

Apesar das promessas iniciais, a Penitenciária Central Doutor João Chaves enfrentou uma intensa crise de violência carcerária no início da década de 1980, especialmente em 1983, como amplamente noticiado pelo *Diário de Natal*. As matérias jornalísticas expunham, ainda que de forma pontual, a fragilidade da atuação estatal diante do colapso do sistema penitenciário potiguar. A unidade prisional já apresentava um quadro crítico de superlotação, funcionando como um verdadeiro depósito humano, reflexo de múltiplos fatores que agravaram a situação penal no estado.

Um desses fatores foi o aumento da criminalidade urbana violenta, observado a partir do final da década de 1970. Esse crescimento esteve associado às profundas desigualdades sociais e à pobreza urbana, consequências diretas do chamado “Milagre Econômico” (1968–1973), período marcado por acelerado processo de industrialização e urbanização. Apesar do crescimento do PIB, a concentração de renda e o autoritarismo do regime militar impediram a distribuição equitativa dos recursos entre a população (PRADO; EARP, 2013).

⁵ DANILO. Crônica Social: Colônia de Igapó. *Diário de Natal*, Rio Grande do Norte, [s.a], n. 8.290, 27 abr. 1968. Crônica Social, p. 5.

Além da crise econômica, destaca-se o rápido êxodo rural vivenciado a partir da segunda metade do século XX no Brasil. Impulsionado pelo modelo de urbanização excludente, esse processo resultou na expansão desordenada dos centros urbanos, produzindo novos espaços de segregação social. Muitos dos que migraram para as cidades, sobretudo nas regiões periféricas, não encontraram acesso ao mercado formal de trabalho, estabelecendo-se em áreas marcadas pela vulnerabilidade social (BELIZÁRIO, 2016).

O crescimento urbano acelerado a partir do final da década de 1960 não foi acompanhado por políticas públicas eficazes, resultando em áreas marcadas pelo abandono estatal e pela precariedade da infraestrutura urbana. Esse cenário contribuiu para o agravamento das desigualdades sociais, criando tensões entre as promessas de desenvolvimento e a exclusão vivida nas periferias.

Diante da frustração dessas expectativas, parte da população considerada marginalizada passou a integrar circuitos da criminalidade, em especial a partir dos anos 1980, quando se observou uma transição nas práticas delituosas, de furtos e estelionatos isolados para assaltos organizados, expressando novas dinâmicas no mundo do crime.

Os impressos da época, especialmente o *Diário de Natal*, acompanharam a transformação das narrativas policiais, cada vez mais marcadas por elementos de sensacionalismo e dramatização. Um exemplo emblemático desse processo é o caso conhecido como “Chacina da Pororoca”⁶, um dos primeiros episódios envolvendo Paulo Queixada e seu grupo a ganhar ampla repercussão na imprensa local. O episódio, ocorrido em setembro de 1983, envolveu o assassinato do médico Francisco Rodrigues Pereira e da enfermeira Silvana Maria de Lima, gerando forte comoção entre a população natalense. A brutalidade dos fatos, com os corpos das vítimas incendiados após a execução, foi amplamente explorada pelo jornal, contribuindo para consolidar a imagem de Queixada como símbolo da violência extrema.

Conforme os relatos da investigação, a ação teria se iniciado como um assalto, mas, no desenrolar dos acontecimentos, os acusados decidiram violentar a enfermeira na presença do médico. Durante o crime, um dos membros do grupo mencionou o nome de Paulo Queixada, o que teria motivado sua participação direta no duplo homicídio. Após a conclusão das investigações, Paulo Queixada e os demais envolvidos foram encaminhados à Penitenciária Central Doutor João

⁶ Desvendado o crime da Pororoca. *Diário de Natal*, Natal-RN, Ano 47, n.234, p. 06, 13 dez. 1983.

Chaves, marcando o início de sua trajetória como figura centro nas narrativas criminais veiculadas pela imprensa potiguar, especialmente nas páginas do *Diário de Natal*, que passaria a tratá-lo como um símbolo da escalada da violência urbana e carcerária na década de 1980.

3 Uma entrevista controversa: Paulo Queixada no *Diário de Natal*

Paulo Nicácio da Silva, comumente nomeado de Paulo Queixada, foi um criminoso que ingressou na marginalidade aos 13 anos, quando foi flagrado por fumar maconha. Aos 19 anos, depois de vários roubos e assaltos, foi preso pela primeira vez. Segundo a edição do dia 03 de dezembro de 1985, publicada no *Caderno Policial* do *Diário de Natal*, além das mortes na colônia penal, o detento possuía vários processos por assalto e estupro.

Conforme a reportagem publicada pelo *Diário de Natal* em 6 de agosto de 1984, Paulo Queixada teria tido um início de vida considerado promissor, atuando como embalador em um supermercado. Após meses de trabalho, solicitou a assinatura de sua carteira profissional, mas teve seu pedido negado, enquanto uma jovem menor de idade teve sua documentação regularizada. Sentindo-se humilhado e injustiçado, decidiu deixar o emprego, o que comprometeu o sustento de sua família. Segundo ele próprio declarou, foi a partir desse episódio que começou a “se tornar um vagabundo”.

Essa narrativa de um passado trágico e frustrado é apresentada pelo *Diário de Natal* de forma sensacionalista, potencializando a figura de Queixada como o “criminoso do momento”. Nesse sentido, a reportagem, publicada no *Caderno da Cidade*, associa sua trajetória de vida a comportamentos marginalizados, construindo um personagem que incorpora o estigma do delinquente e reforça o imaginário social da periculosidade.

Essa construção sensacionalista da figura de Queixada não se limita à sua trajetória pessoal, mas se intensifica na cobertura dos crimes que protagonizou, especialmente o duplo homicídio que consolidou sua imagem como símbolo da criminalidade violenta no Estado do Rio Grande do Norte.

A entrevista jornalística com o criminoso constituiu de um dos desdobramentos do duplo homicídio, cometido por Queixada e seu comparsa de cela, Waldetar Marques, ocorrido nas dependências da Penitenciária Central Doutor João Chaves. A narrativa explora e detalha a trajetória de Paulo Queixada, desde sua infância marcada pela pobreza, até o crime que o levou para a Penitenciária Central:



- Já li muitos livros sobre criminosos e vagabundos. Aprendi que vagabundo não vai pra frente. Mas fiquei gostando daqueles filmes que passam na televisão sobre faroeste, assaltos, etc. E aquilo foi me incentivando, achava legal o cara andar num carrão, vestir roupas boas. E eu, que passei a via toda com duas calças e duas camisas (um dia usava uma calça e, no outro dia, lavava para usar no dia seguinte), comecei a gostar disso. Comecei a fumar maconha com 13 anos e, aos 19 anos, fui flagrado, pela primeira vez roubando. Prá mim, foi um trauma muito grande ser pego roubando, pois apanhei prá burro em casa, dos meus pais e irmãos. Então, fui indo, fumando muito fumo e andando com aquela rapaziada da Cidade da Esperança e do bairro de Nazaré. Prá mim, essa rapaziada já morreu, tá tudo acabado, afirmou Paulo Queixada, que não sente remorsos pelos crimes que praticou (CORTEZ, 1984, p. 5).

O relato de Paulo Nicácio permite perceber a influência da cultura de massa sobre sua percepção sobre a criminalidade. Seu interesse por filmes de faroeste e histórias de assalto, nas quais o criminoso é representado como um sujeito estiloso e bem-sucedido, revela a presença de um imaginário social que romantiza o fora-da-lei. Para Queixada, jovem de origem humilde, privado de bens materiais e inserido em um contexto de exclusão social, essas representações midiáticas parecem ter funcionado como um modelo de identificação. A figura do criminoso “vencedor” oferecia, simbolicamente, uma alternativa de prestígio e autonomia diante de uma realidade marcada pela marginalização.

Nesse contexto, o seu envolvimento com o universo delitivo pode ser interpretado como parte de um processo social progressivo, iniciado pelo consumo de substâncias entorpecentes, seguido pela interação com grupos marginalizados na zona oeste de Natal e, posteriormente, pela prática de infrações. Trata-se de uma trajetória que exemplifica a construção social de um sujeito desviante (SUSIN, 2022).

Geralmente, em alguns casos, os indivíduos considerados desviantes possuem uma trajetória de vida que difere do padrão de vida social imposto pela sociedade. Devido à sua divergência com esse padrão, eles acabam sendo considerados famosos, precisamente por serem percebidos como um grupo distinto. Ou seja, um sujeito à parte. Isso remete a uma espécie de “fama negativa”, pois:

[...] Seria o caso de uma transgressão simbólica que, em termos legais, não se desvia dos parâmetros da honestidade, do bom caráter, da obediência às leis e às convenções, mas, justamente por isso, torna-se poderosa, no sentido da atração e do fascínio públicos, por meio dos sujeitos que, de fato, são transgressores e inconsequentes (SUSIN, 2022, p. 187-188).



Nesse sentido, pelo fato de Paulo Queixada desviar do padrão, desobedecendo à lei desde a sua infância e cometendo atos hediondos, ele acaba por fortalecer ainda mais seu estereótipo de bandido. Na narrativa do *Diário de Natal*, ele é qualificado como um criminoso nato, cruel, perverso e sádico, que estava disposto a matar mais um, caso necessário. A ênfase desses aspectos pelas narrativas do impresso, reforçam os estigmas atrelados a figura do marginal, um indivíduo desviante do padrão (GOFFMAN, 2008).

A entrevista segue com Paulo Queixada comentando os assassinatos ocorridos na cela 03 e o já citado caso “Chacina da Pororoca”, com uma linguagem marcada pela impulsividade e falta de remorso:

Na Pororoca, eu fiz aquilo porque tinha fumado muita maconha e tomado muita cachaça ruim. Muito doidão, eu não tive condições de pensar. [...] Eu sinto muito ter matado o médico e a enfermeira. Depois que matei Edilson Gavião e Wilson Corte D’Água, esse morreu de graça, porque vacilou, eu me senti vingado (CORTEZ, 1984, p. 5).

A narrativa construída pelo jornal destaca a imagem de Queixada como um sujeito impulsivo, vingativo e insensível à vida humana. Sua fala, reproduzida sem mediações analíticas ou contexto social, contribui para a naturalização da violência e para a formação de um arquétipo midiático do criminoso frio e calculista. Como observa Chartier (2002), as representações sociais não são meros reflexos da realidade, mas formas de organização do mundo que moldam percepções e afetos. Enfatiza-se, assim, uma figura temível, direcionando o olhar público para a excepcionalidade do indivíduo e não para as condições estruturais que produzem trajetórias de criminalização.

Isso é observado quando Queixada expressa sua opinião sobre os assassinatos cometidos por ele, no caso as mortes do médico e da enfermeira, que revela uma certa dualidade de interpretações:

Apesar da narrativa demonstrar um posicionamento frio e calculista de Paulo Queixada, o detento expressa um certo pesar pela morte que o levou para a Penitenciária Central. Tal detalhe pode ser interpretado como um elemento que revela uma certa ambiguidade na narrativa, sendo que, ao mesmo tempo, em que ele assume a responsabilidade pelos seus atos, há um distanciamento emocional, pois suas ações são justificadas pelo uso de entorpecentes e pela necessidade de sobrevivência dentro da lógica do crime (SILVA, 2025, p. 76).

A entrevista caminha para seus momentos finais com a seguinte afirmação do “bandido do momento”:

[...] Já disseram que eu tenho os sete espíritos do Apocalipse e parece que é verdade. Tenho o corpo muito fechado, meu irmão. Por isso, se vou para o céu ou o inferno, acho que vai depender do meu comportamento na prisão. Matar outro? Pode acontecer, em caso de defesa e se estiver armado” (CORTEZ, 1984, p. 5).

Tal declaração de Paulo Queixada confere à sua figura uma aura de mistério e obscuridade, evocando a imagem de um indivíduo a ser temido. Como se expressa diante do entrevistador, contribui-se para a construção de um personagem marcado pela imprevisibilidade e pela violência, potencializando sua representação como símbolo do criminoso “fora do controle”.

Ao longo da entrevista, é possível observar diversas contradições em suas falas, o que o próprio Queixada atribui ao uso de maconha no dia anterior. A apresentação dessas declarações, desprovida de análise crítica por parte do periódico, fortalece a elaboração de uma imagem psicologicamente instável, o que aumenta ainda mais a distância entre o encarcerado e a figura do “cidadão comum”.

Essa representação é intensificada pelas imagens fotográficas publicadas pelo *Diário de Natal*, que mostram Queixada em poses típicas da chamada “celebridade do crime” — como observado na Figura 01 — fenômeno esse descrito por Susin (2022) como resultado do processo de espetacularização da violência. A repetição desses enquadramentos visuais, atrelados a descrição do impresso, contribui para fixar no imaginário coletivo a figura do criminoso temido, midiático e reincidente, reforçando os estigmas que o cercam.

Figura 01 - Paulo Queixada disposto a matar mais um.



Fonte: *Diário de Natal*, fotos de Carlinhos.



Nesse sentido, a construção da figura de Paulo Queixada pela imprensa potiguar, com destaque para o *Diário de Natal*, revela não apenas uma narrativa informativa sobre sua trajetória criminal, mas a produção simbólica de um tipo social: o “bandido perigoso”. Essa representação tornou-se recorrente no imaginário popular natalense, consolidando-se especialmente ao longo das décadas de 1980 e 1990.

Com o advento das mídias eletrônicas e a popularização do jornalismo televisivo, esse arquétipo foi intensificado por meio da cobertura sensacionalista de crimes e fugas envolvendo Paulo Queixada. Episódios protagonizados pelo famigerado “Trio Ternura”⁷, popularmente conhecido durante a década de 1990, contribuíram para projetar a figura de Queixada como um ícone da criminalidade local. Conforme observam Hohlfeldt e Valles (2008), a expansão dos meios de comunicação contribuiu decisivamente para a difusão de tipos sociais que dramatizam o crime e produzem temor coletivo.

4 Um sintoma de um sistema em ruínas

Além de Paulo Nicácio da Silva, outros detentos eram destacados como personagens principais das narrativas policiais relacionadas à Penitenciária Central Doutor João Chaves, como figuras carimbadas nas notícias criminais. A citar, por exemplo, os Irmãos Timbira⁸, um grupo composto pelos detentos João Gomes (Joca Timbira), Luiz, Gaspar e José Gomes Timbira que comandavam parte do tráfico de armas e drogas no interior da penitenciária, sendo associados a um grupo perigoso por sua aliança de sangue.

Outro caso emblemático é o do detento Raimundo Ferreira do Nascimento, conhecido como Zabumba Branco⁹, cuja morte foi narrada pelo *Diário de Natal* com forte apelo sensacionalista. A cobertura do jornal apresentou o episódio como um verdadeiro “enredo de novela”, ressaltando elementos dramáticos e explorando o crime como espetáculo midiático, em vez de abordá-lo como expressão da crise estrutural do sistema penitenciário.

⁷ Composto por Paulo Nicácio da Silva (Paulo Queixada), Vlademir Alex Mendes de Oliveira (Demir) e Iveraldo Félix da Silva (Naldinho do Mereto), o Trio Ternura foi um grupo que durante a década de 1990 eram uma espécie de liderança da Penitenciária Central Doutor João Chaves.

⁸ Morre Joca Timbira. Irmãos prometem vingar. *Diário de Natal*, Natal-RN, Ano 44, n. 34, p. 8, 18 fev. 1984.

⁹ Com 28 facadas Paraibinha mata Zabumba Branco: penitenciária. *Diário de Natal*, Natal-RN, Ano 47, n. 170, p. 08, 09 set. 1987.





Diversos outros nomes, como “Paraibinha”, “Pinote”, “Galegal”, “Pernambuco” e “Edilson Mossoró”, também foram protagonistas de narrativas que contribuíram para consolidar o imaginário popular em torno da Penitenciária João Chaves, conhecida como o temível “Caldeirão do Diabo”. Essas imagens estigmatizantes dos prisioneiros não só reforçavam estereótipos, como também ajudavam a obscurecer a violência diária e a barbárie institucional experimentadas dentro da Colônia Penal.

Na época, a Penitenciária Central Doutor João Chaves enfrentava um grave quadro de superlotação — chegando a atingir o triplo de sua capacidade máxima, que era cerca de 200 detentos —, resultado direto da fragmentação do sistema de justiça criminal no Rio Grande do Norte. As prisões passaram a concentrar inúmeros suspeitos sem qualquer triagem adequada, reflexo da morosidade do Judiciário estadual e da ausência de mecanismos eficazes de controle de fluxos carcerários.

Esse contexto compromete profundamente qualquer tentativa de execução penal orientada pela ideia de ressocialização, transformando as unidades prisionais em espaços de permanência indefinida e punitivismo informal. A incapacidade estrutural do sistema penal em operar com critérios objetivos e consistentes de seleção de encarceramento tende a reproduzir a exclusão social que a prisão supostamente deveria combater (ADORNO, 1991).

Nesse contexto, as reformas legislativas da década de 1980, como a Parte Geral do Código Penal (Lei n.º 7.209/1984) e a promulgação da Lei de Execução Penal (Lei n.º 7.210/1984), sinalizam um avanço no reconhecimento dos direitos dos presos no âmbito federal. Tais medidas representaram uma mudança de paradigma, ao compreender que o indivíduo encarcerado não é apenas alguém a ser corrigido ou punido, mas, antes disso, um sujeito de direitos garantidos pela ordem jurídica (PALMA, 2015).

Essas leis, em especial a Lei de Execução Penal (Lei n.º 7.210/1984), estabeleciam condições específicas para o cumprimento das penas, como o direito a celas individuais, higiene adequada e alimentação digna. Contudo, tais garantias previstas em lei contrastavam com a realidade do sistema prisional, marcado por superlotação, insalubridade e altos índices de violência. Na prática, as normas legais colidiram com as mazelas estruturais do cárcere brasileiro.

Diante do cenário de contradições entre o que a legislação propunha e o que efetivamente implementava-se, as prisões modernas fracassam em cumprir sua função declarada de reformar o indivíduo, operando em um sistema disfuncional e gerido de forma precária (FOUCAULT, 2014).

É justamente nesse cenário que surgem figuras como Paulo Queixada, os chamados “bandidos do momento”, transformados pela imprensa em “celebridades do crime”. Essas representações operam como dispositivos simbólicos que desviam o foco da crise carcerária, personificando a violência em sujeitos individuais e ocultando as mazelas e contradições do sistema prisional.

5 Considerações finais

A cobertura midiática, em específico, no *Diário de Natal* destacou, com insistência e riqueza de detalhes, os crimes atribuídos a Paulo Queixada, contribuindo para a construção de sua imagem como uma espécie de liderança dentro da Penitenciária Central Doutor João Chaves. Entretanto, tal cobertura parece ter cumprido uma função simbólica: ao enfatizar a figura do “bandido temido”, desvia-se o foco das condições estruturais da crise carcerária vivida no interior do chamado “Velho Caldeirão do Diabo”.

Nesse contexto, emergem figuras midiáticas estigmatizadas, cuja conduta desviante atrai o interesse público por romper com as normas sociais (GOFFMAN, 2008). A espetacularização dos crimes cometidos por Paulo Queixada revela uma verdadeira encenação de papéis sociais, que responde às expectativas do público e consolida códigos morais hegemônicos. A imprensa atua, assim, como um palco simbólico, onde o criminoso é transformado em personagem e sua história, em narrativa dramática.

Portanto, o personagem Paulo Queixada vai além do indivíduo real, tornando-se um arquétipo na mídia, onde elementos de realidade, ficção e sensacionalismo se misturam. Refletir sobre essa construção permite compreender como a imprensa molda a percepção social da criminalidade, produzindo efeitos concretos sobre os modos de julgar, punir e rotular sujeitos considerados desviantes. Mais do que informar, o discurso midiático participa ativamente da reprodução do estigma e da legitimação simbólica da exclusão.

Referências

BELIZÁRIO, Sérgio Paranhos Fleury. **Urbanização e o Crescimento da Criminalidade no Brasil**. Monografia (pós-graduação) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

BORGES, Viviane; SALLA, Fernando. **Prisões introdução à pesquisa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2023

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela S. M. Corrêa. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** — Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PALMA, Paola Oliveira. **A Administração prisional e os direitos sociais previstos na Lei de Execução Penal: um desafio a complementariedade**. 2015. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2015.

PRADO, Luíz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida. (org). **O Brasil Republicano**, v. 4 – O Tempo da Ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 245-284.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SUSIN, Ivânia Valim. Fotografia de bandidos: o enquadramento da celebridade criminosa. **Rumores**, São Paulo, v.16, n. 31, p. 184-205, junho-julho, 2022.

SILVA, Aldenise Regina Lira. **Da casa de detenção à colônia penal “Doutor João Chaves”: o processo de afastamento da prisão em relação ao espaço urbano da cidade de Natal (1940–1975)**, 2015. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2015.



SILVA, Aldenise Regina Lira. **Colônia Penal Agrícola “Dr. João Chaves” no município de Macaíba/ RN: a efêmera modernidade de uma penitenciária (1940-1955).** Em *Perspectiva*, Ceará, v.8, n.1, p. 178-194, 2022.

SILVA, Antônia Jéssica. **“O Velho Caldeirão do Diabo”:** a Penitenciária Central Doutor João Chaves e a representação da violência carcerária no *Diário de Natal* (1983-1989). 2025. 129f. Monografia (graduação em História) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2025.

SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. **Cartografia dos tempos urbanos:** representações, cultura e poder na cidade do Natal (década de 1960). 2011. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

Recebido em 21 de julho de 2025.

Aceito em 17 de outubro de 2025.

Publicado em 16 de dezembro de 2025.